

A primeira e única fronteira
Que nos divide do que todos partilhamos
É o corpo.
Este sistema vicioso de bactérias e neurónios
Que transportam sonho dentro do sangue,
É a metaderme que serve
De cordão umbilical com o cosmos
E nos diferencia do que comemos.

Nós, os peritos
Em auto-referenciarmo-nos, nós
De consciência-bípede, consciência-barbatana,
Consciência-louca...
Nós, os escritores bem maduros
Em banhos de imersão de nós próprios,
Nós, os poetas com vergonha e/ou asco
De dizer “Eu”,
Eu fiz, em faço, eu chuto e desapareço
No próximo autocarro de passado,
Eu pôr-do-sol, eu “é batota”,
Eu “também quero”, eu-comparação,
Eu-beijinhos.

Não sei se os caracóis
Também comparam a carapaça que lhes calhou na rifa,
E se o lastro de baba que desleixam pelo alcatrão
Virou arte ou serve só de aviso
Para não serem pisados...
Por inveja, ou admiração?

Este caldo de palavras é útil
Para chapinhar na tua piscina de símbolos,
Tocar no fundo
Com o membro e
Nadar até à superfície
Do que já é memória.

Esta vontade toda às voltinhas numa rotunda sem saída

Inspira ao comprido o misto
De curiosidade, angústia e orgulho
Que premeia tudo o que este corpo
Já me condenou a amar.

Das fraldas do nosso pó
Nascerá vendaval, nascerão Neandarquetais
Para os quais a epiderme
Talvez não contenha só consciência-só
Mas seja consciência-antena do deus
Que nos albergou no seu pequeno sol,
E, gratuitamente gratos,
Deixemos de lhe pagar portagem
Ou prestar vassalagem
Ao divino egoísmo
Deste corpo maldito!

Somos os
Soldadinhos de unto cheios de medinho fino
Das ameaças na passagem
Por esta amarga viagem
Em que deus com Dê grande
É o teu próprio ego e elo
Entre a casa de partida e a imaginação infinita

Onde existiremos
E existimos
Fora do tempo.

No inconsciente, somos tempo,
Espaço em contra-picado aberto de potencial éter é
Ter, saber e sentir a doçura da vertigem na alma da cara
Em mais outra
Chapada!
De sílabas inúteis.